

UMA IDENTIDADE TRANSCULTURAL: O PAPEL DA MULHER NA FILOSOFIA

Mariana THIERIOT LOISEL Ph.D.

O artigo *La Femme et la Pensee : une identite Transculturelle* foi publicado originalmente na Revue Transdisciplinaire de Plasticité Humaine, n°26 - 03/2012

INTRODUÇÃO

IGUALDADE DE DIREITO, DIFERENÇA DE FATO: DOS SÁBIOS E DAS BRUXAS.

Embora todos os textos de lei atuais, inclusive no âmbito da formação humana, estabeleçam uma igualdade de direito entre as condições de vida dos homens e das mulheres, nossas práticas pedagógicas e nossas práticas sociais continuam influenciadas, de modo subliminar e não intencional, em seus fundamentos, pelas diferenças culturais, apoiadas nos mitos e crenças que orientaram a história no Ocidente.

Vamos começar por uma lenda que nutre ainda hoje o imaginário ocidental no campo da formação filosófica : a da conquista do Graal. O Santo Graal é uma taça misteriosa cuja forma é desconhecida, esta taça teria sido usada na última ceia de Cristo, teria recolhido seu sangue durante seu martírio e sido guardada por José de Arimateia . A lenda indica que a alma de José ainda continua a zelar sobre o Graal. Para preservá-lo, o Graal teria sido escondido e o segredo de seu esconderijo teria sido definitivamente perdido. Ora, encontrar o Graal equivale a obter felicidade e sabedoria, após uma longa busca : sua descoberta anuncia o final dos tempos de provações e sofrimentos. Esta busca vai ser a busca do rei Artur de Pendragon e dos cavaleiros da mesa redonda, seus fiéis seguidores.

Nesta aventura, eles vão receber a ajuda de um druida, Merlin, pai e conselheiro do rei Artur e no entanto serão desviados de seu caminho por duas mulheres: Guinevere, a mulher de Artur e Morgana, sua meia-irmã. Guinevere, a jovem e bela esposa de Artur, quebra a unidade do reino de Camelot, traindo o rei com seu melhor cavaleiro, Lancelot, por quem ela se apaixona perdidamente. Quando Artur descobre a infidelidade dos dois, ele condena ambos a morte e com sua sentença atira a tristeza e a divisão no reino de Camelot. Aconselhado por Merlin, ele decide de partir em busca do Graal para restabelecer a unidade e a harmonia perdida do reino. Durante esta busca, ele vai enfrentar uma bruxa poderosa, sua meia-irmã, a fada Morgana, e seu filho bastardo que teve com Morgana, Mordred. De fato Morgana se disfarça, seduz seu irmão Artur, sem que ele a reconheça e lhe dá um filho Mordred, sem que o rei o saiba. As armadilhas de Morgana orquestradas por Mordred vão causar perdas e danos a quase todos os cavaleiros de Artur. No entanto o mais jovem dentre eles, o casto Galahad , puro de coração e leal ao rei, vai desfazer as armadilhas de Morgana, vencer o filho bastardo de Artur e encontrar o valioso Graal.

“ A antiga civilização celta druídica e em seguida medieval pagã, caótica, feita de magia, de bruxaria e de credences, se termina e abre o lugar para a civilização cristã. ”¹

O advento da civilização cristã se faz a partir da derrota das mulheres, descritas na lenda como fracas, emotivas, perigosas bruxas, sem capacidade para encontrar o Graal e constituindo até um sério obstáculo a

¹ Le Graal, fr.wikipedia.org

descoberta da taça, pois somente um cavaleiro casto, e portanto puro, que não se corrompeu, entre aspas, ao contato das mulheres, poderá encontrar o Graal.

Ao longo desta lenda, duas forças se defrontam, a do sábio representado por Merlin, e por extensão Artur e seus cavaleiros, e a da fada Morgana e por extensão a rainha Guinevere, que desestabiliza o círculo e quebra a unidade do reino de Camelot. Eis um exemplo desta tensão:

“ Merlin sabia, até então, se preservar do amor e de seus desejos, graças ao conhecimento instantâneo e total dos seres dos quais ele se aproximava. Tão bom, tão belo, tão perfeito fosse ele, ele sempre escondia no fundo de seu coração um coxar de rãs que ele combatia e dominava. Ele acabava por esquecê-las, as mantinha trancadas, domadas, más as rãs estavam lá. Quando Merlin se sentia atraído por uma mulher, bastava procurá-las e ele as ouvia. Imediatamente, gelado, ele retomava sua distância.”²

A lenda do rei Artur é uma história que foi muito mediatizada pelo mundo, ela foi objeto de vários filmes de Hollywood e de textos que continuam a povoar o imaginário coletivo ocidental. Como veremos ao longo desta pesquisa, a tradição literária e filosófica possui uma série de exemplos que registram diferenças cruciais entre o percurso de desenvolvimento do homem e o da mulher, em direção a busca do sentido da vida.

Voltemos a lenda do rei Artur. Artur após sua primeira noite de amor com uma desconhecida, que se trata de fato de Morgana disfarçada, logo antes de seu casamento já marcado com Guinevere, cruza em seu caminho um cavaleiro vermelho, que vai travar com ele um duelo e acusar Artur de ter tido um péssimo comportamento:

“ Avante Artur!

Artur começou a sacar sua espada Marmiadoise, más a colocou de volta em seu estojo, recusando se armar contra um adversário desarmado, e que parecia enlouquecido.

Para evitar uma colisão, ele desviou seu cavalo, más o cavaleiro vermelho, passando perto dele como um raio, o golpeou de um tal soco no peito, que ele foi jogado por cima do traseiro do cavalo et acabou estendido de costas no chão, a cabeça aturdida e os pulmões esvaziados pelo choque.

Seu adversário tinha saltado a terra e o socava de ponta pés gritando,

Defenda-se Artur! Arme-se! Ou você vai me deixar te bater como se você fosse um guardião de porcos?

Artur se levantou de um pulo, correu até seu cavalo e de um só gesto, apanhou sua espada Excalibur e golpeou o pescoço do cavaleiro vermelho, que o seguia. O golpe deveria ter lhe arrancado a cabeça, más o homem segurou a lama da espada com as duas mãos, arrancou a espada de Artur, e a jogou em direção á uma árvore, na qual ela se fincou.

Surpreso, um instante paralisado, Artur se jogou com seus punhos contra seu adversário.

Este o empurrou como uma pluma e mais uma vez Artur caiu de costas no chão.

O homem lhe colocou um pé sobre o peito, e lhe pareceu que ele estava esmagado debaixo do peso de uma montanha.

-Você estava mais valente a noite passada! Disse o cavaleiro vermelho. E tirou o pé de cima de Artur.

Artur não se movia mais, percebendo que não estava lidando com um adversário comum.

Seria um anjo guerreiro, enviado por Deus para puni-lo? Seu coração tremia.

- E você Artur, quem é?... Um rei ou um cachorro, que se deixa levar pelo primeiro impulso que agita seu ventre? O que fazer de ti se é seu ventre que manda?

² Barjavel, René in L'enchanteur, Denoël, Paris, 1984.

Houve um breve silêncio, em seguida o cavaleiro vermelho deu um suspiro e repetiu em voz baixa, com o que parecia ser uma grande tristeza:

- O que fazer de ti?

Ele montou novamente seu cavalo e partiu lentamente na direção de onde tinha vindo, e sumiu no vale de onde tinha surgido.

Artur profundamente marcado por este encontro, após com muita dificuldade ter recuperado sua espada Excalibur, montou todo dolorido no seu cavalo, e a noite seguinte, em quanto o exército dormia, ele foi até uma floresta próxima onde se encontrava um mosteiro. Ele se confessou para o Abade e ficou estendido frente ao altar, se arrependendo e chorando na poeira do chão. De tal modo que ele percebeu seu erro e viu que mais do que um erro era uma queda. É o que o cavaleiro vermelho lhe havia feito compreender, derrubando-o de seu cavalo, e fazendo dele, pela primeira vez de sua vida, um vencido. Ele tinha sido vencido por ele mesmo. Ele tinha se amputado de seu autodomínio e de sua retidão. Ele não seria nunca mais o mesmo.

O cavaleiro vermelho era Merlin. Merlin quis sem ser reconhecido, dar uma lição a Artur.”³

Vemos neste trecho do livro como a relação física às mulheres é considerada uma fraqueza e como o sujeito deve se construir recalçando seus instintos e tudo que diz respeito ao corpo, de modo bastante dualista. As representações binárias que posicionam o corpo e o espírito como adversários, são, como veremos, ainda perenes em muitas situações sociais.

Estas representações são muito difíceis de transformar pois revelam a presença do inconsciente coletivo e de seus conteúdos imaginários. Estas representações estereotipadas como: “A mulher causa da queda do homem, o corpo fonte do mal, o espírito que domina o corpo, fonte do bem, o sofrimento como valor educativo” vão se revelar na escolha dos ídolos de um povo, sua preferência pelo masculino, como é o caso para a representação de Deus por exemplo. Seus gostos, a rejeição do feminino ou sua redução a um objeto, suas acusações e repulsas que revelam os apegos e desapegos coletivos.

Estudaremos também neste texto, de que maneira poderemos romper com os modelos binários construídos ao longo da história, e ainda impostos nos dias de hoje aos homens e as mulheres pela mídia e pelo mercado de consumo. Estes papéis impostos vão provocar inúmeros conflitos e gerar muita insatisfação por ambas as partes, porquê eles os colocam uns contra os outros, e não propõe um caminhar rumo a sabedoria, ao Santo Graal metafórico, que seja comum a ambos, uma via que autorizaria o encontro entre eles e a partilha da busca do sentido da vida. Possuir o Graal é de fato uma vitória solitária, o masculino vence e se torna “sujeito suposto saber” em quanto que a mulher se mantém no mundo das sombras e das crendices ou chega ao saber filosófico apenas se renunciar a sua feminidade. Como dar as mulheres a possibilidade de se incluir na busca filosófica de sentido e encontrar no plano simbólico este vaso sagrado?

“ Pois se ninguém sabe o que contém o Graal, sabemos ao menos que quando os homens se afastam dele, perdem a alegria de viver, pois esquecem quem são e porquê são. Cessam de existir, vivem sem motivo.”⁴

1. AS MULHERES E A PRÁTICA DO SACRIFÍCIO

Começemos portanto nossa busca simbólica do Graal, ou seja, do sentido, por uma das figuras femininas mais marcantes da Grécia antiga: Antígona, morena, secreta e indobrável.

³ BARJAVEL, opus cit p.75,76,77.

⁴ Ibidem 2 p.16

Antígona, filha de Édipo, resolve enfrentar a proibição de seu tio Creonte de enterrar seu irmão Polynice, julgado culpado de traição. Polynice e Eteocle, seus irmãos deviam suceder a Creonte no governo da cidade de Tebas, dirigindo a cidade alternativamente á cada ano, más os dois irmãos recusam a partilha do poder e lutam para o governo absoluto de Tebas. Ambos falecem no combate, más Polynice é declarado culpado da

briga, deixado ao relento sem sepultura, em quanto que Eteocle, a mando de Creonte é enterrado com todas as honras. Creonte é também o tio de Antígona e de seus falecidos irmãos.

A tragédia escrita por Sófocles por volta de 441 A.C. ocorre em Tebas e vai narrar o confronto entre Antígona e seu tio, o rei Creonte, pois Antígona quer enterrar Polynice e Creonte recusa o enterro, o declarando culpado. Contra a resolução de Creonte que representa as leis humanas e falíveis, Antígona se refere “ as honras que devemos aos Deuses”⁵, ou seja ás leis não escritas e eternas. Antígona é finalmente condenada a ser enterrada viva numa gruta, pois ela desobedece ao rei de Tebas. Creonte, persistindo em cobrir de terra o cadáver de Polynice, embora o ato seja punido de morte por lei. Hemon, noivo de Antígona e filho de Creonte, tenta inutilmente convencer ambos de ceder más ninguém recua. Afinal Hemon consegue entrar na gruta onde Antígona está presa, más tarde demais, Antígona se enforcou com seu cinto e desesperado Hemon se mata com sua espada... Neste meio tempo Creonte assustado com as ameaças do sábio e vidente Tirésias, muda afinal de ideia, resolve enterrar

Polynice e salvar Antígona, más chega tarde demais, a tragédia esta feita! Seguem uma série de dramas, Creonte aprende que foi traído por sua mulher e que ela também se matou. Creonte deseja e aguarda a morte também, se arrependendo profundamente por seus atos.

Através desta trágica história, temos o exemplo de uma mulher, que apesar de sua condição subalterna, pois na antiguidade, apenas os homens tinham o estatuto de cidadãos, Se mantém fiel á seus princípios, de modo corajoso e obstinado, apesar de ser ameaçada de morte.

Quando Ismena tenta convencê-la de renunciar:

“ Antígona! Eu te suplico! É coisa de homem acreditar nas ideias e morrer por elas, você é uma mulher!”

Antígona responde com raiva:

“ Uma mulher sim, Eu chorei o suficiente por ter nascido mulher”⁶

O conceito de equidade de Antígona, em relação ao corpo de seu irmão, privado de sepultura, será mais forte do que os argumentos prudentes de seu noivo Hemon, que tenta Salvá-la, e do que os cálculos políticos de seu tio, que não quer perder a face diante do povo, renegando suas próprias ordens. Creonte tenta convencer Antígona de obedecer:

Creonte : Era um revoltado e um traidor e você o sabia.

Antígona: Era meu irmão.

⁵ Citado da tradução de Antígona de Sófocles por Jean e Mayotte Bollack, Edition de Minuit,1999.

⁶ ANOUILH, Jean, *Antigone*, p.29, La Table Ronde, Paris, 2008. (1ère Edition 1946)

Creonte : *Você ouviu proclamar minhas ordens nas esquinas, você leu os cartazes pregados em todos os muros da cidade?*

Antígona: *Sim.*

Creonte: *Você está ciente do que espera aquele que tentar enterrar seu irmão?*

Antígona : *Sim estou ciente.*

Creonte: *Você achou talvez que por ser a filha de Édipo, a filha do orgulho de Édipo, bastasse para estar acima da lei.*

Antígona: *Não, eu não achei isto.*

Creonte : *A lei é primeiro feita para você, a lei é primeiro feita para as filhas de rei!*

Antígona: *Se eu fosse uma empregada lavando a louça, quando eu ouvisse proclamar suas ordens, eu teria enxugado a água suja dos meus braços e teria saído de avental para ir enterrar meu irmão.*

Creonte: *Não é verdade, se você fosse uma simples empregada, você não teria duvidado que seria punida de morte, e teria ficado quieta, chorando a morte de seu irmão em casa. Mas você pensou que era de estirpe real, minha sobrinha e noiva de meu filho, e aconteça o que acontecer, eu não teria coragem de mandar te matar.*

Antígona: *O senhor se engana. Muito pelo contrário, eu tinha absoluta certeza que o senhor mandaria me matar.*

Creonte olha intensamente para ela e cochicha de repente:

*O orgulho de Édipo. Você é o orgulho de Édipo. Agora que eu o notei no fundo de teu olhar, eu acredito em você. Você deve ter pensado que eu mandaria te matar, de fato . E isto lhe pareceu um desfecho natural, orgulhosa! Para seu pai também, a felicidade humana estava fora de questão e a infelicidade humana era pouca coisa! O humanidade nesta família, parece ser uma fraqueza, vocês precisam de um confronto direto com o destino e com a morte (...). Então escuta bem o que vou dizer(...), você vai voltar imediatamente para casa, me obedecer e calar a boca. Eu cuido do silêncio dos guardas. Pronto, vá embora!*⁷

Antígona vai no entanto desobedecer e manter sua posição frente ao rei Creonte. A posição de Antígona, apenas preocupada com a coerência de seus atos e insensível às consequências, é a gênese do conceito de desobediência civil. De tal modo que ela repete obstinadamente um só gesto: joga um punhado de terra sobre o cadáver de seu irmão, no entanto este simples gesto muda o curso da história num dia só: “ *Em apenas uma hora. Num segundo. Por uma intervenção decisiva no momento decisivo.*”⁸

⁷ ANOUILH, ibidem 6, p.66, 67, 68, 69.

⁸ STEINER, Georges, Les Antigone, p.67, Gallimard, Paris, 1986.

Vivendo, ela morre e “ *morrendo, ela restabelece a honra de sua linhagem, confessa a intensidade de seu amor, pelo qual ela está prestes a se sacrificar, e desvela a força de sua alma*”.⁹

O sentido se inscreve nos fatos, a despeito do corpo, sacrificado e é através deste sacrifício de sua vida que sua vida alcança o sentido.

Creonte se aproxima : *Eu quero te salvar Antígona.*

Antígona: *O Senhor é o rei, pode tudo, más isto o senhor não pode.*

Creonte : *Você acha ?*

Antígona: *Você pode somente mandar me matar*

Creonte: *E se eu mandasse te torturar?*

Antígona: *Para quê? Para que eu chore, que eu implore perdão, que eu jure o que quiserem, e que eu recomece quando a dor passar?*

Creonte aperta seu braço: *Escuta aqui, eu tenho o papel do malvado, é verdade e você tem o bom. E você o sente. Más não aproveite sua pestinha...*

Com a tragédia de Antígona, estão postas as bases do estoicismo grego e do martírio cristão. Na história da razão a mulher vai representar aqui a razão dos sentimentos, daquela que zela sobre os seus, ao preço de sua vida, que aguenta o sofrimento físico.

A razão apaixonada de Antígona padece e confronta, ela se opõe deste modo as virtudes da prudência(phroenesis), sinônimo da sabedoria, tão elogiada por Aristóteles em sua Ética a Nicomâco, e aos cálculos políticos que buscam manter a ordem estabelecida, apesar desta ordem ser injusta.

O mensageiro:

“ Uma terrível notícia. Acabavam de jogar Antígona na gruta. Não tinham acabado de fechar a gruta com os blocos de pedra, quando ouvem-se gemidos que vem do túmulo. Creonte e todos os presentes ouvem os gemidos. Todo mundo se cala e escuta, pois não é a voz de Antígona. É um lamento diferente que sai das profundezas da terra... Todos olham Creonte, que adivinhou primeiro, e que grita feito um louco:” tirem as pedras! tirem as pedras!” Os escravos se atiram sobre os blocos de pedra, e com eles o rei, suando e com as mãos sangrando. As pedras se deslocam enfim e o escravo mais magro desliza na gruta. Antígona está no fundo do túmulo, morta enforcada pelo seu cinto, envolta em fios azuis, fios verdes, fios vermelhos, como num colar de criança e Hemon de joelhos a segura e chora, o rosto enfiado em seu vestido. Movem mais um bloco e Creonte consegue descer. Notam-se seus cabelos brancos na sombra. Ele tenta levantar Hemon, ele o suplica. Hemon não ouve nada. E de repente ele se levanta, os olhos pretos, e ele nunca se pareceu tanto com o menino de antigamente, ele olha seu pai sem dizer nada, e sem mais nem menos lhe cospe na face e saca sua espada. Creonte salta fora de seu alcance. Então Hemon o olha com seus olhos de menino, cheio de desprezo e Creonte não consegue evitar o ataque deste olhar. Hemon olha para o idoso tremendo num canto da gruta, e sem uma palavra mergulha a espada em seu próprio ventre e se deita ao lado de Antígona, beijando-a numa imensa poça vermelha.”¹⁰

⁹ STEINER, ibidem 2.

¹⁰ ANOUILH, opus cit. p.118, 119.

Antígona encarna neste contexto, a paixão por uma causa e a nobreza do sacrifício através de um ato de resistência. O caminho é a escolha voluntária da morte. Outras, beatificadas ou queimadas como Joana D'Arc, seguiram caminhos semelhantes ao da heroína grega. Todavia, antes da análise do conceito de martírio cristão, que examinaremos com detalhe para compreender a lógica por de traz da escolha do sacrifício (postura que influenciou muito a formação da mulher no Ocidente), vamos estudar a gênese do conceito de martírio,

nos filósofos estoícos. O movimento estoíco começou na Grécia no século 3 antes de Cristo, e se prosseguiu em Roma até a queda do Império e o advento da República, com o célebre Imperador e filósofo Marcos Aurélio. Os estoícos nos ensinam a suportar valentemente a adversidade através da razão, a abster nos de todo o tipo de queixa e encontrar uma forma de serenidade, conhecida como otium ou ataraxia, serenidade esta, que revelaria para os filósofos estoícos a primazia do espírito sobre o corpo.

De fato a vida para Sêneca é essencialmente sofrimento, sofrimento que devemos enfrentar com nossa racionalidade. Sêneca no início de sua obra *A vida feliz*, nos adverte: *"O caminho da maioria não é o caminho certo"*¹¹, pois a maioria atua não por reflexão mas sim por imitação. Paradoxalmente o caminho que conduz a uma vida feliz não é para Sêneca um caminho agradável, pelo contrário, é um caminho difícil e solitário:

*"A virtude é algo elevado, nobre e real até, invencível e incansável, em quanto que o prazer é algo baixo, servil, fraco, frágil, que está em seu lugar nos bordéis e nos bares."*¹²

E ele acusa:

*"Você abraça o prazer, eu o reprimo, você se alegra com o prazer, eu o uso; você pensa que ele é um grande bem, eu que ele não é bem nenhum, você faz tudo por prazer, eu nada."*¹³

De fato para o estoíco a vida não tem nada de agradável e é preciso se preparar para enfrentar a adversidade:

*"Aliás, quando ele se será acostumado ao prazer como resistirá a dor e ao perigo, a pobreza e a todas as ameaças que cercam a vida humana, como suportará ele a contemplação da morte, do sofrimento, as trovoadas e tantos inimigos violentos?"*¹⁴

E Sêneca se revolta:

*"Que parem de unir duas coisas que não combinam, ou seja de associar prazer e virtude, erro através do qual valorizam pessoas da pior espécie"*¹⁵.

¹¹ SENECA in *La vie heureuse*, p.8 in Sénèque et les Stoiciens, Flammarion, Paris, 2008.

¹² SENECA ibidem p.16.

¹³ SENECA ibidem p.20

¹⁴ SENECA ibidem, p.21

¹⁵ SENECA ibidem, p. 23

Sêneca se opõe deste modo a Aristóteles e Epicuro, pois para ele” o soberano bem não é o prazer associado as virtudes. Para compreender o que faz a força dos estoicos, o que lhes permite enfrentar a adversidade sem recuar, é preciso compreender o conceito de otium, de vida interior realizada. A vida feliz é a vida virtuosa, a vida que se concentra no valor da interioridade. Confrontada ao que ela não pode mudar, ao que deve

enfrentar ou padecer, ela tem a possibilidade de se modificar internamente, de modo a desenvolver a capacidade de manter a serenidade frente as dificuldades externas.

Segundo o Professor de Filosofia Garfield, ao comentar a postura estoica, ele nos explica:

“ *The external world is out of control, but I can control my reactions, focus in what is inward.*”¹⁶ (O mundo exterior está fora de meu controle, mas eu posso controlar minhas reações, me concentrar na vida interior.) Sêneca vai definir o soberano bem como segue:

“ *O soberano bem é uma alma que despreza os acontecimentos externos e se alegra pela existência da virtude, pelo força invencível da alma, experiente, calma na ação, humana e cuidadosa com as pessoas a sua volta. Podemos também o definir dizendo que o homem feliz é aquele que define o bem e o mal através do fato de uma alma ser boa ou má, para quem basta a prática do bem moral, que os acontecimentos exteriores não enaltecem nem atingem, que não reconhece nenhum bem superior aquele que ele mesmo escolhe, para quem o verdadeiro prazer é o desprezo dos prazeres.*”¹⁷

E em toda sua obra Sêneca vai enaltecer a primazia da razão sobre o corpo e as dificuldades que pesam sobre os homens de sua época, submetidos a ditadura do imperador Nero, imperador que vai acabar condenando Sêneca a morte, pois o filósofo se opõe a violência e brutalidade do ditador em seu tratado *Da Clemência*.

“*Um homem não deve se deixar corromper por coisas externas, nem ser dominado por elas, ele deve encontrar seu valor nele mesmo, confiar em si próprio, e estar preparado a enfrentar as duas eventualidades (o prazer e a dor), que ele seja o artesão de sua vida; é preciso também que a sua confiança em si mesmo seja acompanhada de ciência, a ciência de constância, de modo que as suas resoluções permaneçam e que não haja dúvidas quanto as suas decisões.*

Compreender-se-á então que um tal homem estará em ordem e harmonia e terá em tudo que fizer doçura e grandeza de alma.”¹⁸

E Sêneca vai concluir se dirigindo a adversidade, que ele saberá vencê-la, suportando-a :

¹⁶GARFIELD J.L. *The meaning of life, Perspectives from the world great traditions* (Lecture 10 *Stoicism, rationality and acceptance*) Virginia, USA, The Teaching Company, 2011.

¹⁷ SENECA, ibidem, p.18.

¹⁸ SENECA, ibidem, p.18

“ *Eu me apresento tal um rochedo abandonado, num mar semeado de recifes, que as ondas não cessam de bater e que portanto não conseguem nem deslocar, nem usar, apesar nos inúmeros golpes durante tantos séculos. Ataquem, avancem: eu vos vencerei em vos suportando.*”¹⁹

Este conceito de centro a partir do qual os estoicos aguentam as dificuldades da existência vai ser particularmente desenvolvido na obra de Marco Aurélio, *Pensées pour moi même*:

“ *Em lugar algum, de fato, o homem encontra retiro tão calmo e tão tranquilo, quanto no seu interior, sobretudo se ele possui em sua alma, estas noções necessárias para adquirir imediatamente uma serenidade absoluta, e por serenidade eu entendo nada menos do que uma ordem perfeita. Autorize-se portanto frequentemente estes retiros e renove-se.*”²⁰

Marco Aurélio, imperador, soldado, é portanto também filósofo, e ele se retira a noite após as duras batalhas contra os bárbaros, para pensar o mundo que o cerca e sua ação no mundo.

“ *Não te deixes arrastar pela correnteza, mas em teu impulso escolha o que é justo e em todas as tuas representações preserve tua capacidade de compreender.*”²¹

E ele insiste:

“ *Busca dentro de ti. Dentro de ti esta a fonte do bem que pode sempre jorrar, se você a buscar.*”²²

Segundo os estoicos, é a partir deste exercício de interioridade, pela prática de uma meditação racional que podemos nos fortalecer para enfrentar as dores da existência e para dar um significado a nossa vida, para o que consiste para eles, num breve intervalo de tempo que nos é dado. Ora o caminho que vão seguir Santa Teresa d' Ávila e alguns séculos depois, sempre na ordem das carmelitas, Santa Teresa de Lisieux, ambas Doutoradas da igreja, possui inúmeros pontos comuns com a filosofia dos estoicos, como por exemplo, o desenvolvimento da vida interior, da vida do espírito, na busca do sentido da vida, o desprezo do corpo e dos prazeres, (através da prática de jejuns e de penitências).

Santa Teresa d' Ávila será autora de “ *Le Château intérieur*”. Este texto constitui uma referência na época para a formação das mulheres, e sobretudo das Carmelitas. Ora o caminho de santificação, através do desenvolvimento da vida espiritual, até o sacrifício e o martírio, e da negação das necessidades do corpo, vai ser a via “filosófica” digamos a via de acesso a sabedoria do ponto de vista cristão a mais transmitida para as mulheres no Ocidente. De fato a mulher só terá acesso a Universidade nos meados do século vinte, portanto, durante séculos a formação filosófica feminina será a formação recebida pelo caminho religioso e no Ocidente, pelo cristianismo.

¹⁹ SENECA, *ibidem*, p.49

²⁰ MARCO AURELIO in *Pensées pour moi même*, p.364, Flammarion, Paris, 2008.

²¹ MARCOS AURELIO, *ibidem*, p.370

²² MARCO AURELIO, *ibidem*, p.428

Será preciso esperar 1948 para que as mulheres obtenham a independência jurídica do pai e do marido, a responsabilidade de pensar por si próprias e assumir suas escolhas, o direito de cursar filosofia na Universidade. Até então as mulheres receberam o legado das Santas, que tentaram com o saber que lhes foi autorizado, encontrar a taça do desejado Graal e chegar a um certo grau de serenidade e plenitude, privada como os estóicos dos prazeres materiais e submetidas ao rigor da vida estritamente disciplinada dos mosteiros. De tal modo que Santa Teresa d' Ávila vai comparar o conhecimento de si através do desenvolvimento da vida interior á abertura de um tesouro:

“ Disse no capítulo anterior que Nosso Senhor está sempre ao nosso lado: vejamos de que modo. Imaginem, minhas filhas, que tenhamos num cofre de ouro, uma pedra preciosa, de um valor e de uma virtude admiráveis. Nós estamos certas de sua presença, embora nunca a tenhamos vista. Embora invisível,

podemos sentir seu poder quando ela está conosco, e sabemos por experiência o quanto devemos estimá-la, pois ela já nos livrou de muitos males que ela tem o dom de curar. Ora nós não ousaríamos a contemplar nem sequer abrir o cofre, e mesmo se quiséssemos abri-lo, não o poderíamos, pois apenas o Mestre conhece seu segredo. Ele nos emprestou esta joia para nosso uso, mas ele guardou a chave. Como ele dispõe da chave, ele abrirá o cofre quando quiser nos mostrar o tesouro sagrado, ou até o retomará se o considerar necessário, e é o que ele faz. Pois bem, as vezes lhe agrada abrir de repente o cofre, ao invés de apenas emprestá-lo. É um novo favor que ele nos faz; pois a forma e o brilho sutil e incomparável da pedra ficam gravados em nossa memória; e tal lembrança vai para sempre renovar a alegria da alma. Esta minhas filhas, é uma imagem do que ocorre nas visões as quais me refiro.”²³

De tal modo que a relação ao conhecimento descrita nesta visão de Santa Teresa d' Ávila, revela uma absoluta passividade, a Santa escreve inspirada por Deus e porquê Deus assim o permite. Ela só se torna autora porquê Deus lhe prescreve de escrever:

“Com um espírito tão rústico quanto o meu, é muito difícil para mim dar a entender à outrem o que compreendo(...).”²⁴

Ou ainda:

“ Deus distribui seus favores quando ele quer, como ele quer e à quem ele quer.”²⁵

Esta passividade diante de Deus, esta aceitação do destino, pode ser diretamente atribuída ao estoico Epíteto, que em seu *Manual* insistirá sobre a necessidade de aceitar o destino:

“Não busque que os fatos aconteçam segundo tua vontade, mas queira os acontecimentos como eles ocorrem e o decorrer de tua vida será feliz.”²⁶

De tal modo que durante os séculos de Filosofia Ocidental, que viram nascer o racionalismo, o empirismo, o iluminismo, o criticismo, do renascimento a modernidade, a mulher excluída deste saber extremamente

²³ Thérèse d'Avila in *Le château intérieur*, p.301, Editions Payot et Rivages, Paris 1998. Titre original (*Las moradas da alma o Castillo interior*)

²⁴ D'AVILA, ibidem, p.115

²⁵ D'AVILA, ibidem, p.112

²⁶ EPITETO, *Manuel*, Flammarion, Paris, 2008.

proativo, é educada no seio da igreja da qual herda uma filosofia Cristã fortemente marcada pelo estoicismo. Ela aprende deste modo a passividade, a obediência, a aceitação, a virtude do sacrifício e da abnegação e devemos pensar a um outro dado de sua formação: a culpa. Na tradição Cristã a mulher é culpada da queda do homem, de sua expulsão do paraíso terrestre, e esta culpa vai marcar fortemente sua dificuldade de se incluir no trajeto que conduz a conceituar o mundo... Neste mundo das ideais, a mulher vai simbolizar durante séculos o ponto fraco, aquela por quem a infelicidade ocorre, que faz com que o homem perca a capacidade de raciocinar e ceda à tentação do descaminho...O Graal é perdido, a mulher vai encarnar o perigo, o mal a ser evitado. Reduzidas a serem vistas como reprodutoras ou objetos sexuais, muitas vão aprender a arte da sedução para sobreviver, algumas vão se prostituir, e o diálogo entre filosofia e desejo será rompido, temos de um lado os perigosos desejos subjetivos e de outro lado o dever filosófico objetivo de moralidade.

2. AS MULHERES E O CONCEITO DE CULPA: OS MAUS EXEMPLOS.

A partir da era Cristã, a mulher é aquela que é portadora, segundo a Bíblia, do peso do pecado original: Eva desobedece à Deus e cede à serpente no jardim: ela propõe ao seu marido de provar o fruto proibido por Deus, oriundo da árvore do conhecimento, e que a serpente insiste que eles comam. Ela prova o fruto proibido e em seguida o partilha com seu marido, o que provoca a ira de Deus e a expulsão do casal do jardim do Edem. Esta história se tornou célebre, o primeiro casal de cristãos se apresenta como aquele que traz a infelicidade ao mundo e a história que vai lhes suceder, narra a tentativa de solucionar os danos devido a este pecado original : a vontade de conhecer que conduz a perda da inocência e ao exílio do casal. Nesta história Deus é masculino e o culpado é feminino.

Este mito do pecado original, que foi narrado às várias gerações durante dois milênios, no Ocidente, vai povoar o imaginário judaico-cristão, e a mulher causa da queda do homem vai ser o tema de vários sucessos literários da literatura francesa: Manon Lescaut do Abbé

Prevost em 1753, Nana de Émile Zola, em 1880, A Dama das Camélias de Alexandre Dumas em 1848... O ponto comum destes romances é que suas heroínas vão deslanchar a perda e a queda de seus admiradores nos jogos e nas dívidas. Estes perdem totalmente o controle de suas vidas diante da beleza e da inteligência e da crueldade das jovens prostitutas: eles se rebaixam e se esquecem de todas as suas responsabilidades, levados pelo apego ao prazer até a decadência.

Nesta tradição literária, vemos surgir uma mulher descrita e vista como objeto sexual, um objeto de conquista e de perdição, modelo que vai atravessar os séculos e marcar fortemente o imaginário ocidental, como podemos verificar em todo mercado cultural, nas diversas propagandas, outdoors, revistas, seriados de televisão, novelas, BBB... No qual o corpo feminino é um ponto de destaque. Espera-se desta mulher objeto que ela pose, que ela desfile, que ela seduza, que ela se transforme em imagem, mas nunca lhes pedem de pensar por si próprias, muito pelo contrário, são sempre acusadas de virar a cabeça dos homens, que diante da beleza feminina não conseguem mais raciocinar.

Menos sedutoras e mais revoltante são todas estas mulheres anônimas que foram batidas, perseguidas, as vezes torturadas e queimadas, como Joana d'Arc quando quiseram atuar como pessoas autônomas no mundo, e que vem obscurecer o período de desenvolvimento da filosofia cristã: chamar à fé e à razão é uma bela proposta, no entanto que fica restrita, salvo algumas raras e Santas exceções, aos homens. Claro, certos homens também desobedeceram frente a esta visão do mundo que destinava as sombras parte da humanidade, todavia, possuíam como o filósofo Abelardo, castrado por namorar sua aluna, a instrução e o poder recusado às mulheres.

Esta imagem das mulheres culpadas dos extravios dos homens, infelizmente se reforçou e se transmitiu de geração a geração, juntamente com o princípio do prazer: sentido e gozo continuam não combinando em muitos casos, e o princípio da realidade, do que é da ordem do dever, permanece diametralmente oposto ao princípio do prazer.

3. AS MULHERES ESCONDIDAS

Suspeitadas, acusadas, vendidas, para se levantar de um passado de sofrimento e de desigualdades, para poder ocupar um lugar autônomo na sociedade, muitas mulheres se conformaram a imitar o modelo masculino e a negar, ou esconder sua própria feminidade.

Hoje em dia, elas aprenderam a lutar, usar ternos e cabelos curtos, ser magras até a androginia, usar preto, azul marinho e cinza, e sobretudo enfrentar os desafios sem dar espaço as emoções, com a mesma dureza e

a mesma tenacidade que seus modelos masculinos paternos. Algumas se transformaram em verdadeiras Damas de ferro, mais insensíveis que seus companheiros masculinos e hoje elas fazem parte da competição social com brio, algumas são soldados e outras até astronautas! No entanto a feminidade renegada transborda, a maternidade chega e quebra o modelo anoréxico, as emoções recalçadas surgem nos momentos mais inoportunos e vem relembrar a vulnerabilidade, a fragilidade ou

a sensualidade femininas. Esconder sua feminidade é possível? Por quanto tempo? A que preço?

A negação da feminidade é particularmente marcante na vida de certas religiosas como Santa Catarina de Siena, erudita e brilhante conselheira do Papa, podemos no entanto ler na sua obra um ódio do corpo e de toda e qualquer expressão de sensualidade, ódio plausível dado a associação histórica que já mencionamos entre a beleza, a inteligência e o mal. O corpo é concebido como uma prisão ou um túmulo do qual Deus virá nos libertar: “Arranca minha alma para a salvação do mundo inteiro”²⁷ implora Santa Catarina de Siena durante suas orações nas quais ela sempre aparece como a primeira culpada de todos os pecados do mundo. Santa Catarina praticava regularmente jejuns e penitências que vão enfraquecê-la até a morte com trinta e três anos²⁸. Em seus famosos *Diálogos*,²⁹ ela se torna Deus durante seus êxtases e seus três secretários sucessivos anotam a “vontade de Deus” e suas dolorosas visões do inferno próximas do pintor Jérôme Boch. A mulher se esconde terrorizada diante da ira e da vingança de um Deus capaz de condenações eternas e sofrimento infindos. (Santa Catarina de Siena juntamente com Santa Teresa D’Ávila e Santa Teresa de Lisieux é igualmente Doutora da Igreja.)

De fato, aprofundando esta problemática, se o corpo feminino e as paixões que desencadeia podem conduzir o homem a se perder socialmente, o acesso a vida do espírito e a seus deveres, através de uma razão masculina que se apresenta como o princípio de realidade, pode teoricamente salvar a mulher dela mesma. No entanto esta mulher masculinizada, representa muitas vezes uma mãe castradora, aterrorizante para os outros e para ela mesma, pois tudo que diz respeito ao prazer, a expressão do feminino é censurado, considerado perigoso, e se sua razão funciona, o coração se fechou, as paixões foram domadas, enfim a alma está em ordem...

²⁷ SIENNE, De, Catherine, *Ne dormons plus, il est temps de se lever*, p.87, Ed. Cerf-fides, 1988.

²⁸ //fr.wikipedia.org/wiki/Catherine_de_Sienne

²⁹ SIENNE, De, Catherine, *Le livre des dialogues*, Édition du Seuil, 1953.

Mais triste ainda são as mulheres religiosas escondidas nos seus hábitos e véus, no Ocidente como no Oriente, refugiadas no silêncio e na obediência, que recusam qualquer tipo de palavra e de ação no mundo. O voto de silêncio se apresenta, muitas vezes, como uma recusa, uma fuga, uma impossibilidade de participar ao diálogo filosófico sobre o sentido da vida.

Não poderíamos ter prazer em frequentar a realidade?

4. UMA HERANÇA NÃO INTENCIONAL

Todos os desvios apontados no texto na formação e no desenvolvimento das mulheres, parecem remeter a fatos não intencionais como a associação: “beleza, inteligência e maldade”, assim como a culpa que provem do fato de nascer mulher.

As várias inadequações ou contradições entre as intenções e os atos conscientes, revelam a presença de um desejo inconsciente e se manifestam por atitudes não intencionais. Podemos ver a presença de um desejo inconsciente observando todas as contradições

que ocorrem num percurso de desenvolvimento humano: apesar de todos os ingredientes reunidos para brilhar profissionalmente, fugimos! E com a fuga confirmamos a avaliação negativa dos pais registrada no inconsciente: “você é miss catástrofe!” Freud deu toda a atenção a estas atitudes não intencionais que chamou de lapsos, atos falhos, resistências,

Recalques, ou seja uma serie de contradições que remetem a presença de desejos inconscientes em conflito com as intenções e os atos conscientes.

Assim diante da realidade da sala de aula ou do ambiente profissional, podemos acumular os atrasos, as ausências, as manifestações de medo ou de ira, quando deveríamos competir e brilhar. No caso das mulheres, além daquelas que tem suas próprias dificuldades pessoais a ocupar um lugar e exercer sua autonomia, existem também aqueles que querem ocupar todo o espaço, ou aquelas à quem o espaço é recusado. Conscientemente tentam se incluir no espaço social, inconscientemente desejam outra coisa...O Graal talvez? Difícil de responder, sem passar pelo caminho filosófico, pessoal e dialógico, cuja a busca é o sentido da vida, da “vida boa com e para os outros em instituições justas”.³⁰ Estas atitudes não intencionais, como o medo, o ciúme, a ira, ou a ambição, “vão inspirar nossas avaliações subjetivas, tais como a desvalorização ou a supervalorização de si ou dos outros”³¹.

Julga-se, mas julga-se mal, sem refletir, a partir de um material não intencional. De tal modo que as condenações são irracionais (desvalorizamos as mulheres, supervalorizamos os homens, ou fato mais raro, o contrário). A história humana está repleta de processos arbitrários, de execuções sumarias, onde a lei do tirano (ou fato igualmente mais raro, a lei da tirana) é cegamente respeitada e os raciocínios movidos pelo medo de desagradar ao tirano, e o pavor de arcar com as consequências da desobediência...

De tal modo que as atitudes não intencionais, que interagem com uma intenção e uma vontade conscientes, constituem uma interação conflituosa, dolorosa entre a consciência e o inconsciente. Aonde uma avaliação sensata deveria ocorrer de modo a permitir o encontro do sentido justo, vemos diante de um obstáculo, de um problema, a chegada de uma avaliação que agride, que desvaloriza; do tipo “nunca vou conseguir resolver o problema”, ou que supervaloriza; “só o meu pai, minha mãe, meu professor ou eu pequeno tirano,

³⁰ RICOEUR, Paul, in *Soi-même comme un autre*, Paris, Le Seuil, 1990, reéd.1997.

³¹ THIERIOT, Mariana nome de uso LACOMBE VIDAL in Tese de Doutorado, *Os descolecionadores, uma pedagogia do risco*, UNICAMP, 2003.

posso resolver a questão”. Conscientemente queremos nos desenvolver, encontrar o sentido da vida, e tudo parece absurdo e injusto, ou conscientemente queremos favorecer o desenvolvimento do outro e chegamos à uma relação de poder: “é meu caminho contra o seu!”. É por exemplo: “meu caminho de homem racional contra sua desordenada sensibilidade feminina”.

Ora é muito difícil agir sobre uma interação entre um desejo inconsciente e uma ação consciente, no entanto podemos agir sobre os julgamentos feitos, cujo fundamentos parecem incertos, não intencionais. Assim frente a tirania nasceram os direitos humanos...Podemos agir indiretamente sobre o medo, sobre a ira, sobre o desprezo, sobre o ciúme, agindo sobre o julgamento que os valoriza e lhes dá espaço.

Estes julgamentos, fundados sobre as atitudes não intencionais, que Paul Ricoeur chama de julgamentos “prima facie”³². Estes julgamentos prévios, literalmente preconceitos, revelam nossa história familiar e social e espelham quase sempre as preferências e o ódio de nossos pais, que povoaram nossa infância, no contexto religioso, político, social, humano... E é muito difícil se livrar destas preferências ou repulsas subjetivas, pois elas vivem em nosso inconsciente e se revelam de modo não intencional. Tomemos por exemplo as guerras de religião, nas quais protestantes e católicos se enfrentaram durante séculos, nas quais se enfrentam hoje judeus e palestinos- estas identidades foram herdadas ao nascer e com elas os dolorosos conflitos passados entre os grupos que vem nutrir as guerras presentes. De tal modo que nascer homem ou mulher, numa sociedade ocidental marcada por milênios de patriarcado, vai dar a cada pessoa uma história com modelos a seguir extremamente diferentes, e no que tange a formação filosófica, ela será marcada por uma grande maioria de modelos masculinos. Como já o vimos, as mulheres só terão acesso a formação filosófica universitária no século vinte e continuam não tendo acesso ao seminário. Em muitos casos só podem ousar a palavra filosófica no contexto laico.

5. EM DIREÇÃO A UMA IDENTIDADE TRANSVERSAL

De fato as leis que oprimem podem ser substituídas por leis que libertam, que fazem sentido para todos, porquê são justas, e não só para manter uma minoria no poder. Para que a lei alcance o sentido é preciso dar ouvidos a razão e ao coração. Esta aliança antiga, fora de moda, porquê ideologicamente recuperada, foi profundamente rejeitada por causa de todo mal feito pelos representantes das diversas ideologias. No entanto vamos falar no texto de uma razão inspirada por um coração aberto, pelo cuidado de si e do outro, uma razão sensível, título do livro de Michel Maffesoli, plástica, transversal, capaz de pensar e compor com a complexidade da vida, feita de sentido e de absurdo.

De fato se ensinamos em filosofia que a razão pode vencer a barbárie, omitimos o fato que os genocídios foram racionalmente pensados e que o homem pode pensar movido pelo ódio, pela inimizade do outro homem, pelo ciúme, pelo ressentimento, pelo medo, pela vergonha...Não podemos negar a interação do pensamento com o desejo inconsciente e que vai se revelar não intencionalmente. É preciso ver estes desejos inconscientes, compreender sua origem, compor com eles. Além do que é esta presença do desejo que vai nos permitir, muitas vezes, transcender situações insatisfatórias, os atos não intencionais chamando muitas vezes a mudança.

Filosofar como seu nome o indica, supõe uma amizade.

A amizade é uma atitude intencional que pode caminhar junto com o pensamento... No entanto podemos ter apenas amigos? A amizade entre homens e mulheres, sem ser marcada pela atração ou repulsa instintiva é

³² THIERIOT,opus cit.

possível? E como ao ensinar a refletir, podemos ensinar a amizade, num mundo onde a competição é implacável? Um mundo no qual as pulsões nos movem não intencionalmente e no qual o outro é visto como o adversário que é preciso seduzir ou eliminar para atingir a vitória? Todavia, esforçar-se por transmitir um raciocínio feito com amizade, que acolhe a diferença para compreendê-la melhor, que se proíbe a violência, mas não a alegria do prazer da descoberta e da partilha do conhecimento, desta maçã finalmente saborosa que somos livres de provar, não seria

Um caminho possível na direção da conciliação transcultural de dois universos tão afastados quanto o masculino e o feminino? Herdamos esta distância. A presença da amizade permitirá uma partilha mais serena do conhecimento, inclusive do conhecimento filosófico. A presença da amizade poderá dar lugar a inclusão das mulheres, mas facilmente no terreno das ideais, sem que estas precisem esconder sua vulnerabilidade ou sentirem se culpadas e más desde o início, tendo em vista todas as “falhas” cometidas por aquelas que tentaram como Eva conciliar prazer e conhecimento.

De fato, o conhecimento pode ser um espaço no qual temos prazer em compartilhar nossas ideais, um lugar de reconhecimento e de liberdade, no qual a palavra é pública e o exercício do debate filosófico é possível. Estou certa de que Descartes adorava pensar...

No campo conceitual, a mulher poderia se beneficiar de uma identidade transcultural:

1. Uma Identidade complexa

De fato, debruçando-se sobre seu passado no campo das ideias, é preciso que a mulher possa integrar o que lhe vem dos homens, mas também o que recebe das mulheres, e alcançar a posição de sujeito, ao invés de se sujeitar : ocupar um lugar de pessoa inteira, levando em consideração o fato de que para muitas pode ser mais difícil, mais doloroso pensar por si próprias pois as mulheres foram reduzidas durante séculos a posição passiva de objetos e esta identidade na qual ela chega enfim à igualdade, não deve apagar os tempos sombrios nos quais suas antepassadas eram consideradas inferiores aos homens e o são ainda no campo religioso e em muitos países do mundo... É preciso portanto que ela possa tecer uma identidade complexa, na qual ela compõe através da razão com suas emoções, por vezes difíceis, sem as recalcar, pois estas emoções, como o medo, a insegurança, tem uma história e remetem a um passado no qual ela não tinha lugar próprio; no qual o pai (deus) e o marido decidiam legalmente por ela, e isto faz menos de um século.

2. Uma identidade plástica

Enfrentar a complexidade do passado necessita a capacidade plástica de resistir, de inscrever novos dados na história e de ir ao encontro da alteridade. Na sua história, como na história da natureza, é preciso conseguir sair do papel de escada, para compartilhar a cena do mundo do sentido, do pensamento ético e poder viver plenamente sua plasticidade feminina; o que vai constituir um fator essencial para a evolução das mentalidades nesta área. O pensamento humano é plástico. No mais alto grau. Ele é segundo Marc William Debono:” andrógina, ubiqüitário, totipotente E não é sexuado na sua intenção primeira, no coração da experiência vivida e da consciência revelada, ela evolui, tece novas redes permanentemente.³³” Nós somos de fato muito marcados pelas representações do que deva ser o masculino e o feminino, mas estas representações podem mudar. Elas não são rígidas, presas para sempre a padrões preestabelecidos e fatais. Existe um outro lugar,

³³ DEBONO, Marc Williams *L'ère des Plasticiens*, Aubin, Saint Etienne, 1996.



um amanhã para o homem e a mulher no campo da filosofia que precisa ser delineado, e a identidade feminina é uma identidade em mutação. Este movimento foi começado por pensadoras como Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Simone Weil, mas ele ainda está nos seus primórdios e necessita uma constância cavalheira para que o Graal possa, metaforicamente, circular entre nós e que homens e mulheres tenham ambos seu lugar no diálogo que busca encontrar a verdade. Um diálogo no qual o eterno feminino encontre sua força e a espalhe no que faz a grandeza da plasticidade humana.

3. Uma identidade inclusiva, terceira.

Filosofar exige, entre outros modos de raciocinar, um modo dialético; no qual se ultrapassam os contrários, para encontrar entre duas posições que se enfrentam, uma terceira via, talvez potencialmente escondida e que é preciso revelar. É o objeto da terceridade (tiercéité), e da transdisciplinaridade. A identidade feminina necessita esta capacidade de ultrapassar as oposições binárias; sujeito-objeto, ativo-passivo, noturno-diurno, bem-mal, razão-loucura, (a mulher herdando das categorias noturno, passivo, objeto, mal, loucura), para poder integrar uma nova identidade, que não nega os aspectos negativos da personalidade, mas que graças a razão compõe com esta dimensão mais difícil do humano, que não é nem masculina, nem feminina, o que é muito diferente de recalcar ou amputar uma parte de si próprio.

Esta identidade transcultural: complexa, plástica, inclusiva, se ela é vivida como tal, permitiria a mulher de se reconhecer no campo das ideias sem ter de se espelhar no modelo masculino. Isto lhe daria novas bases e condições de ser mais ouvida nas capelas laicas e religiosas, tanto no campo das emoções como no do pensamento, após tantos séculos de exílio no avesso do mundo das ideias. Além do que, este novo papel poderá apontar para o início de uma verdadeira revolução nas relações entre homens e mulheres e assentar os fundamentos de uma transcultura em plena ascensão.